

## O multifacetado Luís da Câmara Cascudo

“Um homem é invariavelmente a soma de muitos homens que nele vivem.”

Esta máxima, que encabeça a página principal do Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo ([www.cascudo.org.br](http://www.cascudo.org.br)), define com muita propriedade quem foi **Luís da Câmara Cascudo**, foco desta quinta edição de Jornalistas&Cia Memória da Cultura Popular, que reproduz entrevista dele a **Assis Ângelo**, presidente do Instituto Memória Brasil, publicada no extinto suplemento Folhetim, da Folha de S.Paulo, em 4/1/1979.

Etnógrafo, etnólogo, antropólogo, historiador, romancista, poeta e, principalmente, último grande pesquisador da cultura popular brasileira, Cascudo (1898-1986), nasceu, viveu e morreu em Natal, no Rio Grande do Norte, apesar das inúmeras oportunidades de desenvolver sua multifacetada carreira em grandes centros do País. Considerava-se um provinciano, embora sua obra, que só de livros soma mais de 150 títulos, demonstre exatamente o contrário.

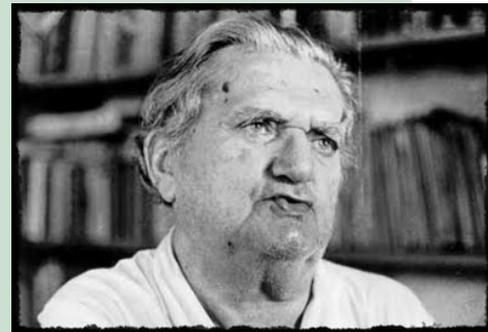
O homem que Assis entrevistou – por escrito, porque, já na casa dos “oitent’anos”, como fazia questão de pronunciar, estava bastante surdo – tinha consciência de seu legado:

“Dei ao meu país uma bibliografia leal e legítima, porque não foi feita de imaginação e de livros sobre livros, mas do contato direto com o povo”. Mas era, acima de tudo, simples, cordial, brincalhão, irônico. “Sou bem-humorado porque trabalho. Se não trabalhasse, estaria perpetuamente mal-humorado...”, explicou ele lá pelas tantas. Para em seguida arrematar: “Depois de todas essas minhas respostas afetuosamente dadas a você, você agora vá baixar noutra terreiro...”

Temos a certeza de que você vai desfrutar desta pequena parcela desse grande contador de histórias.

Boa leitura!

**Eduardo Ribeiro e Wilson Baroncelli**



Cascudo, em foto de Carlos Lyra



## O último grande pesquisador

Por Assis Ângelo

Autor de importantes livros como *Viajando o sertão* (1934), *Contos tradicionais do Brasil* (1946), *Geografia dos mitos brasileiros* (1947), *Consultando São João* (1949), *Cinco livros do povo* (1953), *Dicionário do folclore brasileiro* (1954), *A cozinha africana no Brasil* (1964), *Locuções tradicionais no Brasil* (1970) e *Religião no povo* (1974), o potiguar **Luís da Câmara Cascudo** foi o último grande pesquisador de campo da cultura popular do Brasil.

Ele, que dizia que fazia um livro pensando no outro, percorreu boa parte do mundo – da África à Ásia – e quase todo o nosso país coletando informações, entrevistando, anotando falas e ditos, gastando sola de sapato, enfim, para formar a sua obra, constituída, ao fim, por mais de 150 títulos.

Sim: não era do tipo de escrever livros sobre livros, como me disse certa vez.

Nascido em dezembro de 1898, morreu

em Natal, numa tarde dezembrina, logo depois de completar 80 anos de idade.

Bem à vontade e rodeado de passarinhos que não paravam de trinar, respondeu a tudo que lhe perguntei, com a simplicidade e a categoria dos sábios.

Foi uma belíssima e longa conversa aquela que tivemos.

Na verdade, uma aula de conhecimentos gerais foi o que ocorreu, e que ficou definitivamente para a posteridade.

Essa entrevista eu dividi com os leitores do extinto suplemento dominical Folhetim, da Folha de S.Paulo, e o resultado foi uma enxurrada de cartas e telegramas à redação do jornal.

Até ele mesmo, o entrevistado, nos remeteu uma carta (ao lado) parabenizando o repórter pelo texto publicado e solicitando exemplares da edição, que se esgotara rapidamente na sua cidade.

Luís da Câmara Cascudo, chamado por amigos e admiradores de Mestre Cascudo

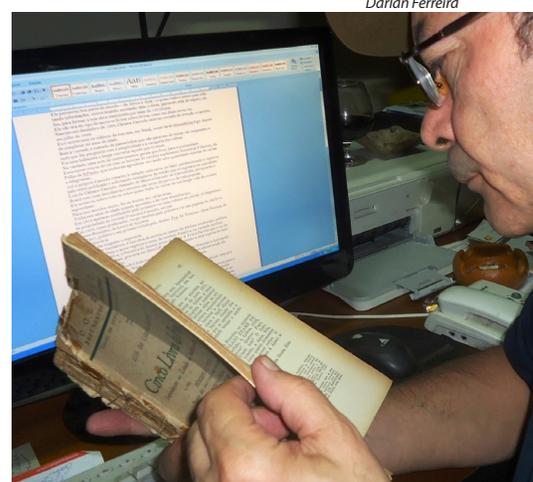
ou Cascudinho, enriqueceu o Brasil com suas descobertas e estudos em torno do povo e da vida popular.

Ele escreveu sobre tudo, ou sobre quase tudo, no correr da sua longa e profícua vida de curioso espontâneo.

Para isso estudou muito, fez-se doutor em várias áreas.

Tinha seis anos de idade quando aprendeu a ler com desembaraço.

Em 1918, apareceu publicando pela



Assis com um exemplar de Cinco livros do povo

cercado de atenção e carinho, em julho de 1986.

Eu o entrevistei no silêncio da sua casa,

primeira vez uma crônica em jornal (A Imprensa), de propriedade do coronel Francisco Cascudo, seu pai.

Em 1920, como prefaciador, surge, também pela primeira vez, nas páginas de um livro, *Versos reunidos*, de Lourival Açucena.

Em 1921 publicou o seu primeiro título, pelo Atelier Typ. M. Vitorino: *Alma patricia*, de crítica literária.

A partir daí ninguém o seguraria.

*Vaqueiros e cantadores*, publicada em



1933, foi sua obra de estreia no campo do folclore nordestino. A título de curiosidade, nela o autor registra o nome de Antônio Patativa, na verdade Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré, autor da toada *A triste partida* que o rei do baião, Luiz Gonzaga, gravaria em disco LP, em 1964, tornando-a uma espécie de hino do povo do Nordeste.

O insubstituível Cascudo é hoje nome de um museu de Ciências Naturais e Antropológicas no Rio Grande do Norte e também de ruas, escolas e centros educacionais em várias partes do Brasil, como Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo.

Em 1992, ele deu a cara à cédula de 50.000 cruzeiros (ao lado).

É dele a frase "O melhor do Brasil é o brasileiro".

E numa definição sobre si próprio: "Dedico-me a descobrir as permanências da vida brasileira".

E noutra: "Eu sou um fim de tarde, agarrado à vontade de viver".

O maestro Villa-Lobos tinha-o como o artista mais completo da raça, sem par nem para Marx, nem para Engels.

Câmara Cascudo esclarecia que Arte vem da "raiz sânscrita ar, donde passou para o grego Arthron e para o latim Ars, Artis", que na origem "significa juntar, combinar partes, como se vê em articulação (junta de ossos) e artrite (junta inflamada)", e, por

associação de ideias, ele concluía que Arte "passou a significar invenção, engenho, engenhosidade, vivacidade", assumindo "formas derivadas: Ard em ardil, ardiloso; Ast em astúcia, astucioso; Erc em solécia (artimanha), inércia; e Ert em solerte, inerte, esperto".

Em dezembro de 1999, eu gravei, num estúdio em São Paulo, um dos poucos poemas de Mestre Câmara, *Não gosto de sertão verde* (fac *símile* ao lado), dedicado a Manuel Bandeira. A gravação teve o acompanhamento musical de Oswaldinho do Acordeon (confira no <http://migre.me/awbeJ>). O referido poema foi publicado originalmente na revista quinzenal Terra



A efigie de Câmara Cascudo ilustrou a nota de 50 mil cruzeiros, em 1992

**não gosto de sertão**

**v e r d e**

A Manuel Bandeira

Não gosto de sertão verde,  
Sertão de violeiro e de açude chelo,  
Sertão de rio descendo,  
l  
o  
n  
t  
o  
largo, limpo,  
Sertão de sambas na latada,  
harmonio, bailes e algodão,  
Sertão de cangica e de fogueira  
— Capelinha de melão é do S. João,  
Sertão de poço da ingazeira  
onde a piranha rosna feito cachorro  
e a talha sombreia de negro nagua quieta,  
onde as moças se despem  
d  
e  
v  
a  
g  
a  
r  
Prefiro o sertão vermelho, bruto, bravo,  
com o couro da terra furado pelo serrote  
hirtos, altos, secos, hispídeos  
e a terra é cinza poalhando um sol de cobre  
e uma luz oléosa e molle  
e  
s  
c  
o  
r  
e  
como o oleo amarelo de lampada de igreja.  
LUIZ DA CAMARA CASCUDO  
NATAL — (R. G. do Norte)

Roxa... e outras terras, que era editada por Antônio de Alcântara Machado e tinha entre seus principais colaboradores Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet e Carlos Drummond de Andrade. Durou sete números ininterruptos, de 20 de janeiro a 17 de setembro de 1926.

Luís da Câmara Cascudo dizia que "a cultura popular é o saldo da sabedoria oral da memória coletiva".

Ele detestava a palavra "folclore".

**O velho que sabe tudo**

(Íntegra da entrevista publicada no suplemento Folhetim nº 103, da Folha de S. Paulo, em 7/1/1979)

Em Natal o chamam de "o homem que sabe tudo".

Já virou até nome de rua. Escreveu na Folha da Manhã sobre musicologia, na década de 1940, sendo também etnógrafo, etnólogo, antropólogo, historiador, romancista, poeta e, principalmente, folclorista. Mas não gosta termo "folclore".

Como folclorista, acho que o termo certo é "cultura popular".

Luís da Câmara Cascudo só não sabe de Matemática.

Detesta, mais precisamente. É até inimigo dela.

Mas, talvez por isso, é bem capaz de terminar como ministro da Fazenda – diz ele com sua risonha ironia, do alto dos 80 anos completados no penúltimo dia do ano passado, depois de uma semana de festejos em Natal.

Sentado na cadeira de balanço que pertenceu ao pai e cercado de livros, quadros e culturas, o velho mestre recebeu o repórter numa tarde quente de dezembro, risonho, irônico e falando muito. Sem mesmo o cuidado recomendado pelos médicos e apesar da vigilância de dona Dahlia, sua mulher.

– Sou o único rio-grandense do norte que não pode negar a idade, porque ela está marcada na porta de minha casa.

Mesmo que quisesse, não poderia. Placas de bronze enfeitam a entrada da casa do folclorista mais famoso do Brasil, em Natal. Todas com a data de seu nascimento: 30 de dezembro de 1898. Ele recebe correspondência até desta forma: "Luís da Câmara Cascudo, Natal".

As placas dizem:

"Aqui, Luís da Câmara Cascudo serve ao Rio Grande do Norte pelo trabalho intelectual mais nobre e mais constante que o Estado já conheceu" (homenagem do Instituto Histórico e Geográfico do RGN).

"Aqui nesta casa, Luís da Câmara Cascudo, com sabedoria e humanidade, completou 50 anos de vida intelectual" (homenagem do Rio Grande do Norte).

Há outras, mas o homenageado parece não ligar muito, talvez porque as

homenagens tenham se tornado um fato corriqueiro na sua vida. Quando disseram que iam erguer-lhe uma estátua, ele simplesmente veio com uma sugestão:

– Ah é? Pois faz muito tempo que não toco piano. E só não toco porque não tenho comigo esse belo instrumento. Deviam ter pensado um pouquinho nisso...

Passou um terço da vida fora do Brasil, correndo mundo:

– E foi, então, vendo o meu País por outro ângulo, que passei a amá-lo e a dar valor à feijoada e ao samba.

O bom humor é marca registrada nesse homem que, nas horas de leitura, que são muitas, delicia-se com Heródoto, Plínio, Tácito, Petronio, Terêncio, Montaigne, Cícero, Aristóteles, Platão, Plauto, Homero, Ovídio, Sêneca, Anatole France etc..

– Me chamo Luís em homenagem a Luís, rei de França. Fui o terceiro filho e único sobrevivente. Meu pai era tenente da Polícia,



A capa e as três páginas do Folhetim com a entrevista

Assis Ângelo

que lutou contra cangaceiros. A rua onde nasci tinha um nome lindo: rua das Virgens. Um dia, o prefeito resolveu mudar para rua Luís da Câmara Cascudo. Escrevi-lhe umas cartas desaforadas, até que ele trocou, ou melhor, acrescentou algo mais ao nome. Agora a rua se chama "Luís da Câmara Cascudo, ex-rua das Virgens".

Um velho simples, cordial, brincalhão, irônico. Na cidade onde mora os meninos e muitos adultos dizem que "ele é o homem que sabe de tudo". O folclorista mais famoso do Brasil, e um dos mais importantes do mundo, aprendeu a ler, por

**Você sabia?**  
...Que o jornalista e estudioso da cultura popular Assis Ângelo é presidente do Instituto Memória Brasil, criado em 2011 para preservar e divulgar o seu acervo?

esforço próprio, em vários idiomas: inglês, francês, alemão, espanhol, italiano, grego e latim. Já traduziu inúmeras obras. E diz que fala "muito mal" o português.

– Mentir é feio, mas é gostoso.

E o velho dá risada.

O encontro com o velho começou assim. Dona Dahlia, sua mulher, atendeu à porta, convidou para entrar e pediu: – Espere alguns minutos. Não demorou muito, mestre Câmara apareceu vestindo pijama e arrastando sandálias, fumando um charuto que parece nunca se apagar, olhar penetrante e fingindo cara feia. Depois dos cumprimentos de praxe, senta-se na cadeira de balanço, que pertenceu ao pai, e diz:

– Não posso me expressar como fazia em 1906... Fui professor durante toda a vida e mudo a linguagem e a lógica de acordo com o centro de interesses dos meus ex-alunos, que foram mais de dois mil, em 50 anos. A minha preocupação como professor era dar

a disciplina como matéria útil, diária, e não como decoração a ser dependurada na sala. Sempre procurei uma linguagem que fosse assimilada. Eu me misturo com as pessoas para aprender alguma coisa. Isso de ver de palanque não é comigo... A minha felicidade consiste em valorizar a vida alheia. Assim, aprendi muito.

Em seguida, pede as perguntas por escrito, porque não é mais um homem que ouve bem. Primeira pergunta:

**Folhetim** – Mestre Câmara, o senhor acha que o Brasil vai bem?

**Câmara Cascudo** – (repetindo para si mesmo a pergunta) Vai maravilhosamente. O Brasil vai tão bem que os políticos não puderam acabar com ele... Todo mundo diz que o Brasil está à beira do abismo. Mas eu acho que a minha pátria está numa das melhores situações. Pelo seu povo. Pela alegria do seu povo, pelo poder de desorganização do seu povo. O brasileiro dá nó em pingo d'água. De maneira que

Alegre, emocional e tudo o mais. Não vi o pai, vou ver o filho assumir. Que Deus o proteja...

**Folhetim** – Recentemente, o senhor pediu a anulação do seu título de eleitor. Por quê?

**Câmara Cascudo** – É que a lei eleitoral manda dispensar do exercício as pessoas que já tenham 70 anos. Eu tenho 80. Há 60 anos que eu participo da escolha das estrelas e das constelações do Parlamento brasileiro... Agora já basta de escolher as suas excelências. Surdo, vendo pouco, sem poder ir para a rua, é necessário, pois, que eu tenha o meu programa de casa, e nesse não está incluída a escolha de suas

## Você sabia?

... Que o Instituto Memória Brasil mantém centenas de entrevistas com artistas da música brasileira, feitas nos últimos 35 anos por seu presidente Assis Ângelo?

suas. Outro problema tão sério, tão nacional, tão ofensivo e premente como a dívida externa...

**Folhetim** – Que contribuição o senhor acredita ter dado ao Brasil, ao povo brasileiro?

**Câmara Cascudo** – Eu dei ao meu país uma bibliografia leal e legítima, porque não foi feita de imaginação e de livros sobre livros, mas do contato direto com o povo. Com a legitimidade do apurado, com a confissão e a contribuição de um pesquisador direto, levando aos quadros brasileiros os elementos fundamentais



Dahlia e Luís

excelências. Por isso, eu que fui professor de Direito, em vez de não votar amparado na lei, fiz junto com um ex-aluno meu, hoje um grande advogado, Di... Dinarte... como é o nome dele? (dona Dahlia dá o nome do ex-aluno) Pois bem, Diógenes da Cunha Lima... Pedi que ele requeresse o cancelamento do meu título. Justamente por isso, jornais do Rio e de São Paulo fizeram um bafa danado, dizendo que o "mestre Cascudo não quer mais votar", "mestre Cascudo não quer e tal". Não foi nada não. Apenas optei pelo direito lógico de repousar.

**Folhetim** – O que o sr. diz sobre a tão falada emancipação dos índios? E sobre o desmatamento da Amazônia, para saldar a nossa dívida externa?

**Câmara Cascudo** – (repete a pergunta, como se estivesse sozinho) Os índios são os donos da casa. Nas minhas pesquisas eu tive o maior contato com eles. Sou um apaixonado por eles. O mal é torná-los brasileiros sem ajustá-los ao momento

da sua marcha para o progresso (e fala grifando, sílaba por sílaba, a palavra fundamental).

**Folhetim** – O que é cultura popular?

**Câmara Cascudo** – Cultura popular é a que vivemos, É a cultura tradicional e milenar que nós aprendemos na convivência doméstica. A outra é a que estudamos nas escolas, na universidade e nas culturas convencionais pragmáticas da vida. Cultura popular é aquela que até certo ponto nós nascemos sabendo. Qualquer um de nós é um mestre, que sabe contos, mitos, lendas, versos, superstições, que sabe fazer caretas, apertar mão, bater palmas e tudo quanto caracteriza a cultura anônima e coletiva. [N. da R.: um fragmento desse trecho da entrevista, na voz do próprio Cascudo, pode ser ouvido em <http://migre.me/ayu3i>.

**Folhetim** – Quando o senhor decidiu pesquisar o folclore brasileiro?

**Câmara Cascudo** – Muito novo, em 1915, com 17 anos, eu era repórter do jornal de meu pai, A imprensa, que durou de 1914 a 1927. E já nesse tempo fui, irresistivelmente, chamado pela cultura cotidiana: feira, mercado, festas religio-



Casa Câmara Cascudo, em Natal

nas na rua, cantos populares alusivos às distrações populares, a indumentária, a alimentação, a linguagem... Essas coisas me seduziram até os oitenta e poucos anos.

**Folhetim** – Diga uma coisa: o que o senhor acha da crítica literária?

**Câmara Cascudo** – Eu não creio em crítica literária. Por mais que se escreva sobre doutrina e outras coisas da crítica literária, eu acho que a crítica se reduz à sensação da opinião, à reação pessoal de cada um de nós diante do livro que lemos. Tanto mais durável quanto mais alto o dom de quem escreva isso. Mas cada um de nós tem, indelevelmente, o direito da percepção, o direito de sentir e reagir de acordo com a sua sensibilidade, o direito de gostar ou não. Isto é eterno e deve ser respeitado.

**Folhetim** – Qual seria o seu último desejo?

presente, em que eles largam as malocas amazônicas e mato-grossenses e vão pra Brasília ser funcionários públicos... O desmatamento da Amazônia para salvar a nossa dívida externa faz me lembrar do sujeito que vendeu o automóvel para comprar gasolina... Nós vendemos a mata, meu filho, e ficamos com outro problema. Não teremos mais a dívida externa, mas teremos o problema de uma região mista sem mata. Vem a erosão, vem a terra que não produz, vem a mudança do clima...

**Folhetim** – ... do oxigênio...

**Câmara Cascudo** – (fazendo sinal de silêncio) ... aí você bote umas coisinhas

## Você sabia?

... Que o enorme acervo do Instituto Memória Brasil vem sendo formado há 40 anos e que nele há peças raríssimas que seu presidente, Assis Ângelo, adquire nas viagens que faz pelo País e Exterior?

... Que o Instituto Memória Brasil preserva o maior acervo de poesias gravadas em discos de todos os formatos, incluindo os de 78 rpm, que deixaram de ser fabricados em 1964?

**Câmara Cascudo** – O meu último desejo (irônico) é não ir para o inferno. E ir pouco tempo para o purgatório... que eu acho muito interessante. Queria ficar pouco tempo no purgatório para fazer as minhas reportagens, não é? Sobre a situação de lá, sobretudo para não perder a comunicação com os meus leitores brasileiros, não é?

**Folhetim** – O senhor é cristão?

**Câmara Cascudo** – Sou católico, fumo e bebo tanto quanto deixam (solta uma bafurada do charuto Havana e pigarreia).

**Dona Dahlia** – O médico não quer que ele fume, mas ele fuma assim mesmo...

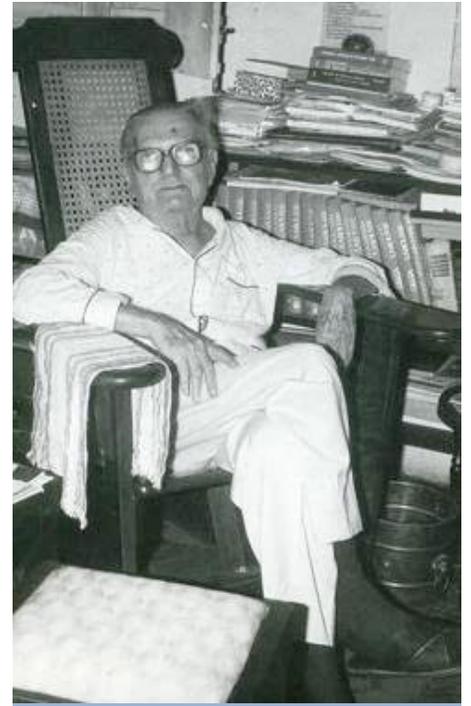
**Folhetim** – Como é o seu dia a dia?

**Câmara Cascudo** – O meu dia a dia, meu caro confrade, é que eu preciso me ocupar para não me preocupar, especialmente aos oitenta anos. Para eu não estar mal-humorado, irritante, intolerante, devo ter um programa de realização dentro das minhas possibilidades. As possibilidades são muito limitadas. Eu já não sou o Otinor de Campos, o homem que vai pra África,

ao interior africano, ou ao americano. Tenho que ficar em casa, logo, criar algo no mundo da casa: reminiscências, livros. Agora, você sabe, nunca estamos sozinhos quando pensamos. Está ao redor de nós o nosso passado, o que nós pensamos, o que nós conversamos, lemos, enfim, o patrimônio pessoal da lembrança. E é isto que me mantém vivo e bem-humorado. Todos os jornais, toda a gente fala do meu bom-humor. Sou bem-humorado, porque trabalho. Se não trabalhasse, estaria perpetuamente mal-humorado... Depois de todas essas minhas respostas afetuosamente dadas a você, você agora vá baixar noutro terreiro...

**Dona Dahlia** – ... ele é assim mesmo. Não toma prumo. Isso que ele disse, "vá baixar noutro terreiro", já é uma frase conhecida de todo mundo aqui...

**Câmara Cascudo** – Vá baixar noutro terreiro sabendo que só dei isto (as respostas) porque sede vós quem sodes, caso contrário eu não daria, eu não me levantaria da cama.



De pijama, como gostava

### Mas o velho brincalhão continuou a falar...

**Câmara Cascudo** – Estudei medicina na Bahia. O meu pai, que era milionário quando nasci, estava meio empobrecido nessa época, e não consegui montar o meu próprio laboratório. Por isso fui para a advocacia e me formei em 1928. Fui advogado de sindicatos de bancários e trabalhava praticamente de graça, ganhando apenas 300 mil réis por mês... Eu conservo toda a mecânica psicológica dos meus cincoent'anos. Generais, brigadeiros, almirantes, reitores, ministros de Estado, universitários, o repórter da Folha e outras pessoas as trato de senhor... Mas dentro de dois minutos começo a dizer: mas menino, eu não tô te dizendo, deixa de ser juumento... Chamei de menina a senhora do presidente da República, dona Lucy Geisel, que veio me visitar. Durante dois minutos, chamei de senhora, madame. Depois veio o reflexo condicionado da minha vida e professor. Fui professor de todo mundo.

Cincoent'anos de professor em Natal. Nunca aceitei os convites insistentes nem para o Rio de Janeiro. Fiquei na Faculdade de Direito até me aposentar. De maneira que, por mais importante que seja a pessoa, para mim ela é sempre menina, menino de 16, 17 anos. Agora, eu vou me deitar e você vá baixar noutro terreiro...

— • —

E o velho vai-se deitar. Fica dona Dahlia, que é uma história à parte. No começo, ela não gostou muito da ideia de fazer uma entrevista com o mestre.

**Dona Dahlia** – Ele está cansado, adentado e precisa de repouso. Ele não liga pra isso não, e quando começa a falar não tem no mundo ninguém capaz de fazê-lo parar. Se não fosse eu, ele ficava o tempo todo falando.

**Folhetim** – Como é que se porta o mestre Câmara em casa, sozinho?

**Dona Dahlia** – Da forma como você acabou de ver. Ele nunca está sozinho, tem os livros... O homem culto, de letras,

folclorista, escritor, se iguala à figura humana que é: uma figura maravilhosa. A simplicidade dele é uma das coisas que o tornam ainda mais grandioso. No próximo ano faremos bodas de ouro, pois já temos 49 anos de casados.

**Folhetim** – Agora me conte a senhora, como é o dia a dia dele?

**Dona Dahlia** – Recebe muitas visitas. Só não recebe mais porque eu vou controlando um pouco. Às cinco horas da manhã já está acordado, lendo. Fuma charutos Havana que um amigo manda do Rio. Bebe uísque e vinho, "tanto que me permitem",

### Você sabia?

... Que fica no Instituto Memória Brasil o maior acervo musical sobre o rei do baião Luiz Gonzaga, incluindo uma música de sua autoria com Zé Dantas gravada em rapanui, língua da Ilha de Páscoa?

ele diz. Reza sempre o terço, mas dificilmente vai à igreja. Lê histórias em quadrinhos e vê Chacrinha na tevê. Detesta os formalismos e sempre que pode fica à vontade, de pijama e sandália. Seus cabelos prateados estão eternamente despenteados. Gosta muito de apreciar a natureza.

**Folhetim** – O que ele está escrevendo atualmente?

**Dona Dahlia** – Um livro sobre superstições.

— • —

Há dez anos, os escritores Aurélio Buarque de Holanda, Joracy Camargo, Renato de Almeida, Mozart de Araújo e o radialista Almirante, entrevistaram Câmara Cascudo para o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. Na ocasião, ele contou:

– A minha mulher se chama Dahlia. Podem dizer que sou um homem que conseguiu se unir a uma flor. Tive o prazer de possuí-la, e ela a paciência de me aturar. Já me submeti a uma análise e descobri que se tivesse de me casar de novo, eu me casaria

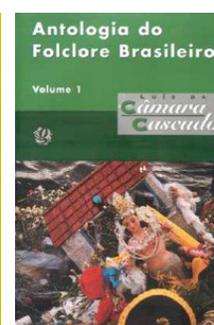
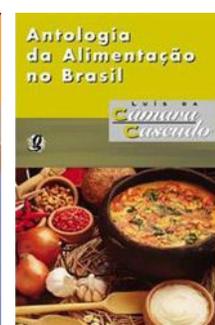
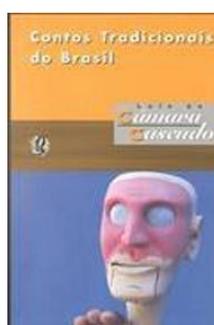
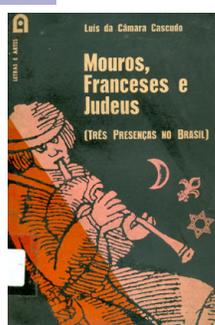
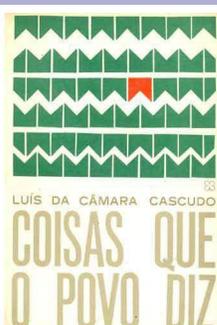
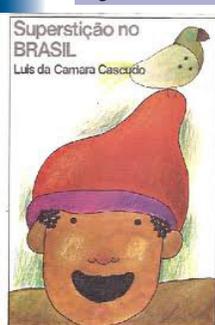
com ela. Pretendo me desquitar, entretanto. Só assim poderei cortejá-la novamente...

— • —

**Dona Dahlia** – Tem vez que a gente sai por aí de mãos dadas, como dois jovens enamorados. Nessas ocasiões, olhamos as estrelas e o luar...

Ela conta isso orgulhosa e sorrindo. Dona Dahlia Freyre Cascudo. Uma mulher baixinha, risonha e simpática, de gestos largos e uma beleza que o tempo ainda não esqueceu.

Alguns dos mais de 150 livros de Câmara Cascudo



## O antológico mestre Cascudo

Frases de Câmara Cascudo, recolhidas por Carlos Lyra no seu ensaio fotográfico *Uma Câmara vê Cascudo*, editado pela Fundação José Augusto, de Natal:

– Trabalho pela alegria de trabalhar. E a realização dessa vocação é o prolongamento de uma alegria íntima

– Escrevi meu primeiro artigo em outubro de 1918. Daí por diante, nunca mais me restabeleci...

– Eu sou da geração do recado. Enquanto Nabuco andou de sege e automóvel, minha geração começou a cavalo e terminou no avião a jato. Dentro da mesma geração, o mesmo homem.

– Vi pela televisão o delírio norte-americano recepcionando os astronautas, em 1969. Velho pesquisador de cousas banais e comuns, constatei que os aplausos aos vencedores da Lua eram manifestados e retribuídos da mesma forma que se usara em Babilônia. O Homem vence o espaço sideral, transplanta vísceras, explora o átomo, mas não foi possível imaginar outra maneira de concordância coletiva e pública, se não agitando os braços e batendo as palmas das mãos. Já não se sabe por que bate, mas bate.

– O Homem que foi à Lua levou consigo uma figa de guiné. Continua o mesmo: nascendo, amando, sofrendo, comendo e morrendo, igual ao homem das cavernas. Não modifica o sistema digestivo nem o supersticioso.

– Chacrinha? Sou fã. Movimento, cor, comunicabilidade brasileira. Alegria.

– Eu aprendi o folclore ouvindo o aboio dos vaqueiros.

– Vivi no sertão típico, agora desaparecido. A luz elétrica não aparecera. O gramofone era um deslumbramento. O velho João de Holanda, de Caiana, perto de Augusto Severo, ajoelhou-se no meio da estrada e confessou, aos berros, todos os pecados, quando avistou, ao pôr do sol, o primeiro automóvel...

– Vivi nesse meio. E deliciosamente.

– Cortei macambira e xique-xique para o gado nas secas. Banhei-me nos córregos no inverno. Esperei a cabeça do rio nas enchentes. Desengalhei tarrafas nas pescarias dos poços. Dei "lan-

ços" nos açudes. Cacei mocós e preás nos serrotes. Subi nas "esperas" de ema nos juazeiros. Persegui tatus de noite, com fachos e cachorros amestrados. Matei arrição a pau e colhi-a nas aratacas. Ouvi o canto ululado da "mãe da lua", imóvel nas oitíceas. Ouvi histórias de troncoso... (prefácio de *Vaqueiros e Cantadores*).

– Graças a Deus tive a sorte de ficar pobre, para poder dedicar-me aos meus estudos.

– Amigo? É um parente por vocação. Parente? É um amigo por obrigação. O verdadeiro parentesco é aquele que você elege pelo afeto.

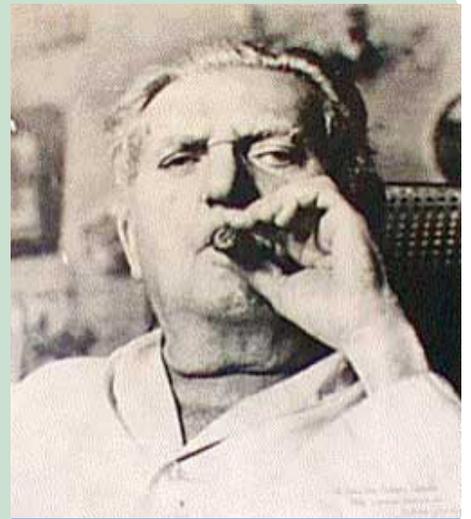
– Sou o único avô do mundo que tem uma varinha de condão. Presente da minha neta Daliana.

– Felicidade é saber valorizar o possuído...

...

E Carlos Drummond de Andrade diz dele:

– O que esse homem conhece da gente em usos, costumes, raízes e alma não pode ser avaliado em metro ou peso. E é um saber amável, ameno, comunicativo, o que nem sempre acontece com os saberes acumulados neste mundo. Cascudo é doador de nascença e espalha aos quatro ventos o que foi recolhendo a vida inteira. Lembra chafariz antigo, ofertando água ao povo em praça pública. Levem os seus canecos, baldes e bacias, e sirvam-se. (Na Folha, 4/1/79)



Com o insepartvel charuto



## Separe suas matérias ou planeje suas pautas

- R\$ 102 mil em prêmios líquidos, já descontado o IR
- Podem concorrer trabalhos inéditos veiculados entre 1º/9/2011 a 31/8/2012
- Categorias Nacionais – R\$ 62 mil nos segmentos Jornal, Revista, Televisão, Rádio e Internet (R\$ 10 mil cada); e Imagem – Fotografia e Criação Gráfica (R\$ 6 mil cada)
- Categorias Regionais – R\$ 20 mil (R\$ 5 mil para cada uma dos quatro segmentos)
- Grande Prêmio – R\$ 10 mil
- Prêmio Especial para a melhor matéria ou cobertura jornalística da Rio+20 – R\$ 10 mil
- Prêmios especiais (não remunerados) para Personalidade do Ano em Sustentabilidade, Veículo do Ano em Sustentabilidade e Veículo Especializado do Ano em Sustentabilidade

Regulamento no [www.premiojornalistasecia.com.br](http://www.premiojornalistasecia.com.br). Outras informações com **Lena Miessva**, no [lana@jornalistasecia.com.br](mailto:lana@jornalistasecia.com.br) ou 11-2679-6994.

Inscrições até 5 de setembro!

## Sua empresa ou instituição quer criar um prêmio ou dar um up-grade em algum já existente?

Consulte a solução integrada  
**Gestão do Reconhecimento**

Uma parceria Jornalistas&Cia e Maxpress que oferece e garante

Identificação, mapeamento e envolvimento de públicos estratégicos

Digitalização e preservação de conteúdos (Memória)

Soluções em Conteúdo, Tecnologia e Monitoramento

Desenvolvimento de bancos de dados

Ferramentas digitais para agilizar processos de inscrições e julgamentos

Ampla capacidade de divulgação focada nos públicos-alvo por meio de canais próprios e reconhecidos pelo mercado

### Ligue ou escreva para agendar um horário

Jornalistas&Cia – 11-3861-5288 – Oswaldo Braglia ([oswaldo@jornalistasecia.com.br](mailto:oswaldo@jornalistasecia.com.br))  
ou 11-3861-5283 – Silvío Ribeiro ([silvio@jornalistasecia.com.br](mailto:silvio@jornalistasecia.com.br))  
Maxpress – 11-3341-2800 – Sérgio Franco ([sbfranco@maxpress.com.br](mailto:sbfranco@maxpress.com.br))

**Jornalistas&Cia** **Maxpress**